

SUMÁRIO

Leia neste número:
«Sobre a 6.ª jornada»
por TAVARES DA SILVA

Atletismo e andebol
por SALAZAR CARREIRA

Uma conversa com
Francisco Ferreira
por FERNANDO SÁ

Jogos Olímpicos
em 1948
por RODRIGUES TELES

Página do
Estrangeiro
por RAFAEL BARRADAS

As habituais secções
do Porto, Provença,
Mundo do Bola, Basket,
Xadrez, etc.

Stadium

N.º 153 * 7 DE NOVEMBRO DE 1945 * PREÇO 1\$50



Os guarda-redes dão ao jogo imagens de rara beleza, como a do, de Martins, numa defesa alta, a vôo, ágil e atlético.

Sporting fugiu ao perigo

Estando quasi resolvido o problema do título, seguem-se atentamente outros aspectos da competição

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

O Campeonato de Lisboa segue uma marcha que interessa de grau a de grau. Cada vez mais vivamente. Porquê? — Antigamente, era a questão do título que absorvia toda a atenção. Hoje, não. Há, logo a seguir, o caso dos quatro aparados. Quando, de certo modo, estão empenhados nesse problema secundário o Benfica e o Sporting, compreende-se perfeitamente o que tal desafio representa. O campo do Lumiar podia ter pôsto a tabuleta de *esgotada a lotação*.

Os resultados da 6.ª jornada são daqueles que cabem na chamada lógica. A vitória do Belenenses, apesar da força do seu adversário, assim como a do Atlético, no seu ambiente, eram esperadas. O Sporting-Benfica representava uma incógnita. Afinal, a questão decidia-se a favor dos *leões*. E decidia-se com um desnível de bolas muito grande. E' certo que o Benfica vinha acusando deficiências. Um conjunto de lesões e de pormenores de outra espécie conseguiu dar-lhe uma expressão que está longe daquilo que pode ser. Mas ninguém sapanha o registo de 4-0 no Lumiar.

O conjunto dos três desafios tem boa nota, mesmo no que respeita a *qualidade do jogo*. O Belenenses continuou a dar provas do *bom momento* em que se encontra, constringindo evoluções de geometria, ainda que com seu quê de caprichoso. Como, por outro lado, sucede que os dianteiros já encontraram o caminho das réndas, tal valoriza a acção belenense, e dá modo que era absolutamente indispensável. Caso contrário, de nada serviria o bom jogo. Marcando *goals* é que se ganham desafios.

Também o Atlético não se deixa invadir pelo desânimo, ou abalar com facilidade. *Team* feito à custa de pulso, corre-lhe nas velas o sangue do sacrifício e da luta. Vai seguindo no seu rumo com beleza.

O Sporting é ainda um grapo de temer e para meter... Reage à desgraça, procurando dominar as linhas à força de vontade, em tenaz orientação. Já não dizemos que o *team* precisava desta vitória. Insistimos em que ela era necessária ao próprio clube. Algumas vezes, um pequeno-nada é o suficiente para revelar o lado bom dos *teams*. Sem dúvida, o reforço do novo elemento, Luís Cordeiro, veio despertar as energias colectivas do onze.

Também o Benfica precisava de triunfo, tão certo é que as

vitórias e derrotas exercem influência a que nem os Grandes conseguem fugir. O grapo está a fornecer, nesta altura, rendimento escasso. Tem de usar da máxima cautela para não escorregar, no futuro. A sua posição na tabela não lhe consente descansar, mas obriga-o a alerta permanente. Tanto o Estoril como a Cal estão num crescendo de *forma*, jogando bem no aspecto de conjunto. São elementos dignos na competição lisboeta, a mais forte do país. Quere dizer, grapos que não se limitam a fazer uma figura passiva, mas que intervêm com possibilidades de mudar o ramo das coisas, quanto mais não seja.

A classificação geral está assim estabelecida: Belenenses (16-5) 16 pontos; Atlético (16-15) 14 p.; Sporting (13-13) 13 p.; Benfica (11-14) 11 p.; Estoril (15-16) 10 p.; Cal (12-18) 8 pontos.

Venceu aquele que jogou melhor!

A expectativa à volta do Sporting-Benfica era grande. Campo do Lumiar cheio. Tanto faz estarem os dois grapos a jogar bem como mal: Sporting-Benfica é sempre o *came*. Os grapos alinharam:

Sporting — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Barrosa, Veríssimo, Javenal, Jesus, Ferreira, Peyroteo, Cordeiro e Albano.

Benfica — Martins, Gaspar, Climaco, A. Teixeira, Moreira, Ferreira, Rai, Arsénio, Jaime, Brito e Rogério.

Árbitro — Andrade Pinto.

Figuremos agora, somente, a primeira parte. O que de bom se realizou no desafio sucedeu neste tempo!

O Sporting evoluiu com clareza de movimentos de modo a impressionar. Cada um no seu lugar, e todos em movimento e a postos. Nunca os pontapés e os passes foram dados ao acaso, mas com um fito, na visível preocupação da comunhão de esforços e no convencimento de que tal sistema conduz ao maior proveito. Passagens de vários estilos, e de gosto para todos os paladares, tanto a *triangular*, de fraca progressão no terreno, como a *reclilínea*, que surpreende todo um *team*.

Dir-se-á, para deslastrar a exibição e por desejo de crítica, que o Benfica facilitou a tarefa do adversário, não se opondo como devia e mostrando fraquezas que não cabem num grapo que se considera dos fortes. De acordo. Mas nós falamos, de mo-

mento, em relação ao que se passou em campo.

O Sporting mostrou melhor organização. Desde o guarda-rédes, que actuou, desfazendo os boatos, ao avançado da asa, todos os jogadores guardaram devidamente os postos, mantendo-se empenhados na função. Os *leões* conseguiram fazer uma exibição harmoniosa, aparecendo o grapo com *princípio, meio e fim*, isto é, com valores mais ou menos semelhantes em todas as linhas. Para mais, a cédula atacante, um pouco devido ao reforço vindo de Vila Franca e muito ao seu próprio valor, estava em dia de exprimir a superioridade técnica e territorial manifestada em campo.

E tudo se passou assim, e em bem. Não se poderá dizer que o Benfica tenha sido um grapo desorganizado, sem coesão e sentido de jogo. Pelo contrário, a estrutura do *team* manteve-se até à cédula da frente. Quere dizer, defesas e médios não perderam o sítio, dando-se à tarefa de destruição com desembaraço e ainda em subordinação à mecânica de conjunto. Entretanto, à medida que os ponteiros do relógio avançavam, surgia a plena luz a ineficácia de uma linha avançada, a sua falta de saber e penetração, a sua impotência de remate. Vendo jogar os avançados do Benfica tinha-se a seguinte ideia: não são capazes de marcar uma bola. E' certo que tais atacantes chegaram muitas vezes à área do perigo, mas não mostraram nunca o talento de abrir a brecha para a passagem da bola. Já os do Sporting, com a ameaça segundo a segundo do avançado-centro, revelaram-se realizadores, fortes e com sentido de perlação. Os *goals* são bem a tradução do mérito dos atacantes, de vencedores e de vencidos.

A segunda parte foi diferente. Ou porque o Sporting, senhor da vitória e da situação, não insistisse no jogo como no primeiro tempo, ou em virtude da reacção benfiquense, o certo é que o encontro perdea em clareza de movimentos para ganhar em confusão, em energias e espírito de luta.

Dizê-mo-lo sem pensamento de louvaminhar. O que o *team* do Benfica fez teve aspectos de grandiosidade. É possível que passasse despercebido de muita gente. A nós, interessou-nos vivamente. Todos os jogadores puseram na luta o maior dos empenhos, a mais intensa das vibrações, todo o poder do seu músculo. Os rapazes deram-se

ao jogo, numa tentativa desesperada de recuperação, e embora infratífira, numa plena demonstração de clubismo. Não foram felizes. Nem conseguiram o seu intento. Porque a *classe* de alguns elementos não é de primeira categoria; porque, evidentemente, de tal conjunto atacante só poderia resultar perigo para uma defesa obstinada, um pouco por acaso. Mas o seu esforço foi grandioso, e não se diga que ninguém o soube apreciar. A prova dessa reacção está, mesmo, no domínio territorial do Benfica na segunda parte.

Os sportinguistas defenderam-se bem, organizadamente. Ainda espreitando todas as aberturas de ataques. Assim, tendo-se jogado mais na metade de campo sportinguista, o Benfica esteve mais, efectivamente, em perigo. Eis como se explica o desfecho do memorável encontro.

Azevedo não teve um deslize. Nem grande trabalho, em boa verdade: obrigação de atenção e não necessidade de entrar em acção. Cardoso atravessa um momento de abaixamento. Marques, no seu estilo ágil e impetuoso, está a subir de forma. O terçeto médio não se deixou bater com facilidade. Barrosa e Veríssimo, em bom jogo. Mesmo Javenal, vigoroso e activo, alinhou na boa toada. Jesus *voltou* a estar em campo. Ferreira, o de jogo inteligente, não se prendendo à bola com a costumada e ineficaz insistência.

Para Peyroteo não há adjectivos: bola nos pés e um frémito de emoção perpassa no campo! Luís Cordeiro parece-nos um jogador da escala cerebral, que procura resolver os mais intrincados problemas com a cabeça e os pés, mas, evidentemente, não se podem aventar grandes juízos sobre o seu valor num só deslize, e nem sempre é este a jogar na hora e meia, devido certamente a falta de fôlego. Albano encontra-se no apogeu, e nunca jogou tão bem.

Martins não teve culpas no *goal*; todas as suas intervenções certas e oportunas. Gaspar mostrou a sua garra em tantíssimos lances. Climaco não passou de estreato. Teixeira, apagado. Moreira, o melhor, iam a escrever o único homem do Benfica, mas depois lembrámo-nos que Francisco Ferreira está a pôr-se em forma. Mário Rai e Rogério, perdidos no *mare magnum* de uma linha avançada sem coesão e valores. O próprio Arsénio não conseguia reflectir a alegria do seu jogo. E por aqui se tem uma ideia, pálida ideia, do trabalho de Jaime e Brito.

O Belenenses dominou a situação!

Na Amoreira, os grapos alinharam como segue. *Belenenses*: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Coelho, Elói, Armando, Quaresma e Rafael.

Estoril: Valongo, Pereira, Elói, Mateus, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Árbitro: Augusto Machado. Tudo indicava que o Belenenses fôsse passar ao *mau bocado* ao campo da Amoreira, dada a boa organização em que se encontra o Estoril.

(Continua na página 7)

Há resposta para tudo...

Em virtude da acumulação de correspondência, e para atender a todos por igual, pedimos aos nossos leitores para fazerem apenas uma pergunta de cada vez.

P. 204 — Qual é actualmente, depois de Azevedo, o melhor guarda-rédes português?

P. 205 — Qual é, no momento, o melhor defesa português?

P. 206 — Qual é o melhor ponta-direita: Espírito Santo, Mário Rui ou Jesus Correia?

P. 207 — Rebêlo, do Salgueiros, estará no Benfica?

P. 208 — No pósto de avançado-centro não será Espírito Santo melhor que Correia Dias? (De um assinante de Alcancôes).

R. 204 — Escolha entre Capela, Martins e Valongo. E' difícil...

R. 205 — Hesitamos entre Feliciano e Gaspar Pinto. Ambos em forma.

R. 207 — Qualquer dêes é bom. Mário Rui e Jesus Correia têm um largo futuro.

R. 207 — Há uma questão entre o Benfica e o Salgueiros. O rapaz optou pelo clube do Norte. Diz-se no «Norte Desportivo»: «Enquanto o problema não se soluciona, o médio-salgueirista joga futebol na bancada».

R. 208 — Também optamos por Espírito Santo.

P. 209 — Gomes da Costa, que era do Sporting, ainda joga pelo Sporting?

P. 210 — Como alinhou o Sporting quando ganhou os três campeonatos da época? (De um leitor das Aves).

R. 209 — Reapareceu este ano no «team» reserva.

R. 210 — Não se pode dizer que tenha alinhado sempre o mesmo team, em 1940-41, a época da proeza. Eis a formação normal: Azevedo; Cardoso e Barrosa; Paciência, Gregório e M. Marques; Mourão, Armando Ferreira, Peyroteo, Pedro Pireza e João Cruz.

P. 211 — Qual o jogador mais alto de Portugal? Quanto mede?

P. 212 — Quando é que se começa a construir o Estádio do Benfica? (De um benfiquista de Felgueiras).

R. 211 — E' impossível responder, com verdade, à sua pergunta. Entre milhares de jogadores espalhados por todo o país, qual é o mais alto? Dos que conhecemos, talvez Vasco, do Belenenses, com 1 metro e 84,5.

R. 212 — Nada se pode dizer sobre o assunto. Não há dúvida que tal constitui um grande anseio do Benfica, ainda há dias manifestado na assembleia geral.

N. da R. — Não podemos estar continuamente a esclarecer as mesmas questões. Folheando os números da nossa revista encontrarão resposta para as suas perguntas os srs. J. M. C. L. «Um leitor de Lisboa»; A. M. «Um portuense de S. Miguel das Aves»; M. S. A. C. «Águia Avizram»; «Um azul da Martosa»; L. G. R. de S. Braz de Alportel; J. R. R. «Um benfiquista de alma da Zebraira»; A. T. «Um Belenense da Lixa»; «Um benfiquista veraneando em Sintra»; João Pinheiro; «Um leitor Belmontense»; e J. P. «Um sportingista de alma e coração».

No Mundo da

pele JORNALISTA DESCONHECIDO

BOLA

Há jogadores novos

O que é preciso, é educá-los e desde os primeiros pontapés!

CONVENHA-SE que, apesar da enorme expansão do jogo da bola, não aparecem tantos jogadores novos como seria para desejar, e necessários para levar a cabo a tarefa de reparação nos teams, de um ano para o outro.

E' claro que os clubes tinham uma forma relativamente fácil de solucionar tôdas as suas dificuldades. Pelo menos, aquêles que dispõem de cofres cheios. Era simples. Bastava irem buscar, se tal lhes fôsse consentido, o homem necessário, estivesse onde estivesse, a pêso de ouro ou a libras bem contadas, mesmo que isso representasse a destruição de um team laborioso e pacientemente organizado, durante anos e anos. Por desgraça dêesses clubes, que não fazem jogadores e que parecem viver com o material dos outros, o recurso da compra está-lhes vedado, e, em vez de criarem jogadores, êsses clubes passam a vida em magoados queixumes.

Não há dúvida. Em certo momento, começou a sentir-se fortemente a falta de jogadores. Do movimento imediatamente operado, e a que vários jornalistas-técnicos deram consistência, resultaram certas medidas proveitosas: a intensificação dos júniores, a organização dos campeonatos escolares a cargo da Mocidade Portuguesa, e o auxílio aos torneios populares. Especialmente, o caso das escolas era da maior importância. Em grandes viveiros do futebol lisboeta, como a Casa Pia, o Colégio Militar, os Pupilos, o Liceu Passos Manuel e o Liceu Pedro Nunes, tinha-se deixado de praticar futebol, por causas várias, que não interessa agora focar.

A laboração dêesses campeona-

tos está a dar os seus frutos. Quem segue atentamente, como nós temos seguido, o desenvolvimento das categorias inferiores, vê em acção, todos os domingos, uma camada relativamente numerosa de jogadores novos, com habilidade e já destros, tecnicamente. São tantos êsses jogadores, e a necessidade de os educar futebolisticamente é tão grande, que um só treinador já não chega, regra geral, nos mais importantes clubes, para todo o ensino do futebol. Assim se justifica que o Belenenses, por exemplo, tenha hoje mais um treinador como auxiliar de Augusto Silva, e trabalhando sob sua orientação, o antigo jogador Rodolfo. Há, evidentemente, jogadores novos. O que é preciso é educá-los, e desde os primeiros pontapés!



ANTÓNIO FERREIRA, irmão do grande «Internacional» do Benfica, que veio para Lisboa e está empregado na tabacaria do Xico, também é jogador de bola. Como não podia deixar de ser — ingressou no Benfica, devendo alinhar brevemente a médio-direito nas reservas. O mesmo temperamento do irmão mais velho!

Já começaram os trabalhos da Selecção Nacional

OS trabalhos da selecção portuguesa, em conformidade com o plano apresentado por Taveiras de Silva, já começaram.

As conversas do Seleccionador com os treinadores dos clubes lisboetas decorreram de forma inteiramente compreensiva. Todos entenderam e aceitaram voluntariamente a tarefa que lhes era pedida. Serão agora ouvidos os treinadores de vários grupos da Província, ao mesmo tempo que se fixará a rede de auxiliares do Seleccionador.

Os jogadores já estão sob observação, e mesmo em regime especial de preparação, em certa medida. Quêsi sem darem por isso. Os treinadores encarregaram-se de

boamente de proceder, em treinos-desafios, às necessárias experiências, tendo em vista o melhor contributo individual no conjunto do «team» português.

Segundo sabemos, uma coisa impressionou fortemente o espírito do Seleccionador Nacional: a forma idónea como todos os treinadores se comportaram, relegando para segundo plano o interesse clubista, que, aliás, não estava em causa, para ver apenas o futebol português na sua melhor projecção.

Se se realizar o projectado jogo com a R. A. F., no próximo dia 2 de Dezembro, tal facto servirá a constituição da selecção portuguesa de futebol. Podemos garanti-lo.

Corre que...

Coimbra pretende dois representantes na Primeira Divisão do Campeonato Nacional. A respectiva Associação já está a tratar do caso junto da Federação.

O Sporting meteu uma lança em Africa, conseguindo o reforço de Luis Cordeiro, o melhor jogador do Operário Vilafranquense.

No boletim do Sporting, além de outros apontamentos interessantes, lê-se o seguinte: Peyroteo, quando entra em campo para jogar, leva equipamento no valor de 485\$00, assim

distribuídos: camisola 80\$00; caneleiras 40\$00; meias 50\$00; pérgas 10\$00; ligaduras 55\$00; botas 200\$00, não contando com o gasto de preparação física, indispensável a qualquer jogador antes da pugna.

Continuam divididas em dois lotes as Associações Distritais. Há no continente 17 Associações; em laboração, praticamente, quinze. Dessas 15, 10 estão ligadas no chamado Bloco da Província, e 5 constituem o Bloco de Lisboa.

O Benfica está indignado. Tendo lançado as vistas sobre

Balbino, do Algarve, que chegou a pedir a sua transferência para o clube de Lisboa, viu o referido elemento desistir da transferência e alinhar no Farense.

É possível que, em vez de três, sejam quatro os desafios internacionais desta época, pois a Irlanda oferece-se para jogar conosco. A propósito, cabe dizer que a Irlanda tem um grupo muito bom.

O Seleccionador Nacional já teve conversas com os treinadores Biri, Petrak, Augusto Silva, Severiano e Dr. Abrantes Mendes.

O conhecido e popular defesa do Marítimo, João Gomes, uma dedicação clubista, vai abandonar o futebol.

Uma conversa com FRANCISCO FERREIRA

O massagista do SPORTING cura o "astro" do BENFICA

— Já não há "grandes" nem "pequenos"...



Depois do intervalo no Portugal-Espanha efectuado no Estádio Nacional, Francisco Ferreira, cheio de fé, dá para Rafael, Espírito Santo e Manuel Marques: Temos de ganhar, de lá por onde der...

— Estou fino. Pronto para exercer em campo toda a minha actividade e dar à «equipe» todo o meu esforço e entusiasmo, esta genica e ardor que está na *missa do sangue*.
 — Mas havia impressão que V. não poderia, por enquanto, dar aquêl rendimento a que nos habituou?
 — Tudo passou, creia. De facto uma melindrosa distensão muscular preocupou-me; não me sentia nada bem. Em boa hora me entreguel aos cuidados de Manuel Marques.
 — I?
 — O massagista do Sporting garantiu-me que em quinze dias me curaria. Confiei no valor das suas mãos e do seu saber. Espêndido. Só é preciso agora afiar o estilo e baixar um pouco desses 80 quilos que me pesam muito.

E com um sorriso malicioso:
 — No domingo já fico aí com uns 79, ou mesmo menos...
 — Como se justifica a posição actual dos dois maiores da classificação do campeonato?
 — O caso não pode ser encarado de ânimo leve. Merece até que seja visto com ponderação e olhos bem abertos.

Há que pôr de parte definitivamente essa divisão de clubes em «grandes» e «pequenos». Nós, os que chutamos na bola, é que sabemos bem a sem-razão da idéia. Sentimos o valor desses grupos enlear-nos, e tornar muito difíceis os 90 minutos. Entramos a caminho de uma igualdade, relativa, é certo, mas que tem de ser compreendida e devidamente apreciada. O Atlético já ocupa merecidamente uma boa posição. Os outros dois «pequenos» estão à altura do torneio. As suas exhibições são equilibradas. Actualmente, não é tarefa fácil jogar contra um *team* da Cuf, bem afinado, ou contra um Estoril... Não falo assim tentando justificar, de qualquer maneira, os resultados desta época.

E' a verdade dos factos. Francisco Ferreira garante-nos, convictamente:

— Mas pode dizer que o Benfica é sempre o Benfica. Vamos lutar de ponta a ponta, com êstribrio e esta alma que talvez não saibamos bem explicar, mas que existe e é nossa grande bandeira.

O «Xico» Ferreira havia-nos falado de uma forma enérgica, como se pronunciase as fórmulas de um juramento.

— E não haverá outra razão?

ENTRAMOS naquela alrosa tabacaria para comprar fósforos. O cigarro, apetitoso, tinha-se apagado. Do outro lado do balcão vimos o rosto franco de Francisco Ferreira — o «Xico» Ferreira, «enfant-gâté» do grande Benfica — um dos jogadores de mais apurada sensibilidade futebolística, um jogador que sente acima de tudo o prazer do jogo. Estávamos na tabacaria do «Xico» Ferreira! Calhou bem.

— O Francisco Ferreira está bem com o negócio? começamos.

— Muito. E' a preocupação de todas as horas, agora e certamente no futuro, já não temos feitiço para o profissionalismo total, sentimo-nos bem com uma obrigação para o intervalo do tempo que nos deixa o contacto com a bola.

— O Benfica ajudou-o?

— Sim. O Benfica deu-me o apoio necessário.

— A saúde? Boa?

— E' a preocupação de todas as horas, agora e certamente no futuro, já não temos feitiço para o profissionalismo total, sentimo-nos bem com uma obrigação para o intervalo do tempo que nos deixa o contacto com a bola.



Um verdadeiro «égua», alma e chama clubista!



Logo de manhã cedo, Francisco Ferreira vai ver como vai o negócio!

— Talvez sim. Falta de jogadores. O «Xico» desconcertou-nos um pouco. Ficámos à espera...

— No meu tempo — já vou em dez anos de jogador — apareciam com mais facilidade jogadores novos de excepcionais qualidades. Hoje — não. E' difícil aparecerem habilidosos da bola que venham ocupar lugares de responsabilidade nos grupos mais categorizados.

Mas nada de recelos. O Benfica «aparece», como sempre. De todos estes aspectos o que me affligia era sentir-me impossibilitado de jogar. Eu... que não posso pensar que hei-de deixar de jogar a bola. Nem sou capaz de ir ver um desafio em que o Benfica jogue!

— Existe então um Francisco Ferreira cem por cento Benfica?...

— A sério.

—... E com forças e entusiasmo para jogar muitos anos?

— E' essa a minha disposição.

Começou o ANDEBOL

A primeira jornada da nova época



No desafio Sporting-Piedense, verificaram-se lances movimentados. O Piedense procurou reagir, como se vê neste documento, mas o saber e a técnica do adversário impuseram-se no terreno



Ainda no desafio Sporting-Piedense, mostramos uma jogada de ataque Isonino



Uma jogada movimentada no encontro Benfica-Almadense, que teve fases de grande vivacidade



Um aspecto do banquete comemorativo do 27.º aniversário do Lisboa Ginásio Clube, efectuado no último domingo. Na mesa de honra vêem-se os srs. José Hermenegildo da Silva, que presidiu, tendo ao seu lado direito Martinho Gonçalves, Raúl de Oliveira, D. Alda de Oliveira e Rebelo da Silva; à esquerda, major Jorge Oom, Jorge Rebelo, Rodrigues Teles, General Ramos de Miranda, e capitães Celestino e Alberto Marques Pereira

COMEÇARAM no domingo em Lisboa as actividades da nova temporada de andebol com a disputa dos primeiros jogos da taça «Costa Almeida», torneio por eliminação, organizado pela Associação regional.

Esta prova preparatória da época reuniu nove inscrições, ficando de fora duas das mais cotadas equipas, a «Cuf» e o Estoril, que se fillaram tarde, o primeiro tão tarde que deixou expirar o prazo estabelecido antes de se decidir. Uma estrela, a do União Piedade, que substitui nas fileiras praticantes o Cascalheira e o Boa Hora, que desistiram.

Depois da extraordinária animação da época passada, praticamente começada com as vitórias do grupo lisboeta sobre os madrilenos e concluída com o mais interessante e renhido de todos os campeonatos nacionais, o andebol «alfacinha» tem responsabilidades a defender, embora as perspectivas não sejam tão propícias como há um ano. Ao escrevermos estas palavras referimo-nos à certeza de que não teremos encontros com os espanhóis, que responderam com evasivas e depois com adiamento formal e sem prazo a todas as instâncias do delegado português na Comissão de Intercâmbio, o qual delegou a assegurar pelo menos à Associação portuguesa a estrela internacional a que tem legítimo direito.

Fica em hipótese o projectado encontro com a Suíça, que depende apenas das possibilidades materiais da federação nacional. Confiamos em que o assunto não será descurado pelos dirigentes portugueses, os quais devem emprender com larga antecedência todas as diligências que possam contribuir para o êxito da iniciativa.

Pelas simples exhibições de domingo não é possível formar ainda juízo definitivo, ou mesmo simplesmente concreto, sobre o valor dos grupos clubistas.

O Sporting venceu copiosamente o estreante União Piedade, mas a proeza nada significa; o Marvilense ficou sem adversário, pois o Atlético não inscreveu os seus jogadores a tempo; a luta entre o Belenense e «Os Treze» foi, como era de presumir, a mais equilibrada, e a vitória dos «azuis» no seu próprio campo por uma única bola de diferença, diz-nos que os «trezistas» não perderam o fogo sagrado; finalmente, o Almadense ofereceu séria resistência ao Benfica, demonstrando apreciável progresso em relação à época anterior.

As meias-finais (meia-finais com cinco competidores devido ao errado critério do sortelo) já devem trazer melhores indicações.

José de Eça

A participação portuguesa na volta à GALIZA

Jorge Pereira destacou-se — Eduardo Lopes e Mourão, dignos representantes

O ciclismo é, sem dúvida, a modalidade desportiva em que o factor sorte mais faz sentir a sua influência. Deve contar-se sempre com todas as possíveis falhas de carácter físico, vulgares a qualquer outro atleta, e ainda com o bom ou mau comportamento da máquina, que, por vezes, se avaria...

Assim, dentro daquilo que a sorte permitiu, a última saída dos ciclistas portugueses ao estrangeiro não deixou mal colocada a velocidade nacional.

Não teve desta vez a actuação dos estradistas lusitanos — porque não o podia ter dado o relativo valor da competição, inferior ao de uma Volta a Espanha ou Volta à Catalunha — a valia de outras digressões ao país vizinho. No entanto, porque foram desamparados moral e materialmente e saíram de Portugal à última hora e sem preparação especial, devem render-se homenagens, mesmo assim, à conduta dos nossos compatriotas. Jorge Pereira at final lutou com raro brio, e Eduardo Lopes e Mourão, enquanto puderam, conseguiram demonstrar que podem bater-se com os melhores corredores do país vizinho.

Não temos relutância em afirmar que, atléticamente, Jorge Pereira, embora actuando na sua habitual tática de defesa, vulgar em todos os homens que aguardam o local de chegada para se imporem, foi igual ao famoso Berrendero, e aos irmãos Emilio, Pastor e Délio Rodriguez — os elementos de maior «cartel» na prova. E que Lopes e Mourão, se não fossem infelizes, poderiam ficar entre os primeiros. Mas reconhecemos, mais uma vez, e desta feita ainda com maior amplitude, dado que os portugueses tiveram de agir desagregados, que em Espanha reina, nas hostes ciclistas, um entendimento e tal espírito de ajuda mútua, que torna e tornará sempre ingrata e difícil a actuação dos lusitanos em terras de Castela.

Possuindo normalmente homens para «queimar», lançando-os no ataque com uma sequência invulgar, os espanhóis — que estão sempre prontos a sacrificar-se pelo companheiro que obteve vantagens — reservam aos portugueses a tarefa ingrata de perseguir quem tenta esgaieirar-se. A segunda ou terceira «caça», os nossos corrido-

res começam a sentir-se «quebrados» de energia e, então, os adversários passam a orientar a marcha segundo as suas conveniências. Só com grande superioridade, em poder de recupera-



JORGE PEREIRA
o corredor português em destaque na Volta da Galiza

ção e em poder físico, se consegue levar a melhor na luta com adversários de tal categoria.

Por isso o sexto lugar obtido por Jorge Pereira nesta «II Volta à Galiza» é honroso, como honrosas são as classificações conseguidas no conjunto das dez etapas: uma vitória e um segundo lugar; três terceiros e mais um quarto, um quinto e um oitavo lugares.

Júlio Mourão, ainda pouco «mecanizado», após a inactividade em que se manteve, chegou a ocupar a quarta classificação, onde talvez continuasse se não fosse forçado a abandonar. Lopes, o mais infeliz de todos — a sofrer do estômago e, numa tirada, obrigado a andar cinco quilómetros a pé, por falta de «boyaux», não pôde tirar partido da sua actual boa «forma», embora tenhamos de concordar que não são as corridas por etapas as provas mais indicadas para o estradista «luminante» fazer valer as suas faculdades.

Normal a vitória de Délio Rodriguez no final da Volta. Seguiram na classificação do rápido galego seu irmão Emilio, Berrendero, Pastor, Traeba e Jorge Pereira.

GIL MOREIRA

O CASA PIA ATLÉTICO CLUBE

obteve a sua primeira vitória

DISPUTARAM-SE no último domingo os encontros da sétima jornada do Campeonato da II Divisão da A. F. L. Ficou, assim, concluída a primeira volta da interessante competição, que continua a servir excelentemente a propaganda do futebol.

A primeira metade da prova deixou os concorrentes agrupados em dois núcleos, cujos componentes devem, presentemente, ter aspirações diferentes. Enquanto o Fósforos (19 pontos), o Chelas (18) e o Marvilense (17) pensam no primeiro lugar da classificação, o Sacavenense, o Benfica, o Olivais (todos, 12 pontos), o Operário e o Casa Pia (ambos, 11 pontos) estão, por certo, dominados pela ideia de fugir ao último posto.

No entusiasmo que, uns e outros, vão pôr na realização das suas aspirações, está um dos atractivos da segunda fase da competição.

Os resultados que se registaram no último domingo não provocaram alterações na classificação, pois só tornaram maior a distância que separava os dois grupos de concorrentes. Pode dizer-se que o que mais aproveitou da vitória foi o Casa Pia, que, no pouco simpático posto de «lanterna-vermelha», voltou a ter um companheiro.

O Fósforos continua «leader», mas adivinha-se que vai ser-lhe difícil defender a sua posição.

Nos encontros de domingo, ganhos pelos clubes favoritos, à excepção do Casa Pia-Olivais, anotaram-se os seguintes resultados:

Fósforos-Sacavenense, 3-1; Operário-Marvilense, 1-2; Chelas-F. Benfica, 4-2; Casa Pia-S. L. Olivais, 3-1.

Como se vê, não houve resultados a significar grande desnível de forças.

O Fósforos, em casa, não conseguiu firmar tão claramente como estava a ser hábito a sua superioridade. O resultado teve de considerar-se lisonjeiro para o Sacavenense, que parece ter entrado no campo resolvido a dar tudo por tudo para dificultar a tarefa dos marvilenses. Estes mostraram-se receosos da energia com que o adversário se empregava e não deram o rendimento costumeado.

O Operário, ao que se diz, despediu-se do seu campo de S. Vicente. Foi o único visitado que perdeu. O resultado aceita-se sem custo, como sem custo se aceitará a vitória do mesmo Operário. A luta decorreu com equilíbrio e o triunfo sorriu ao que melhor soube aproveitar as ocasiões para marcar.

O Chelas experimentou maiores dificuldades do que se calculava. A diferença de dois «goals» é escassa para traduzir a superioridade evidenciada pelos detentores do título. Tem, porém, uma justificação: a preocupação que os benfiquistas tiveram em se defender. Dir-se-ia que só aspiravam a não perder por muitos «goals»...

Registe-se com agrado a primeira vitória do Casa Pia. Era o único clube da II Divisão que não tinha uma vitória. Agora igualou-se ao Sacavenense, F. Benfica e ao Operário — todos com uma vitória. Mas, mesmo vencedores, a infelicidade não os abandonou. O «goal» do Olivais foi feito por um caspiano e o domínio exercido na 2.ª parte dava-lhes jus a maior número de tentos. Os «encarnados» de Olivais, após duas exhibições agradáveis, desiludiram.

O Lisboa Ginásio Clube

comemora o 27.º aniversário da sua fundação

O Lisboa Ginásio Clube, categorizada instituição que muito tem trabalhado pela expansão da ginástica, como de outras modalidades,

comemorou no sábado e domingo últimos o seu 27.º aniversário. Reuniram-se por isso, na sua sede, algumas das melhores figuras do desporto, no decurso de uma sessão solene presidida no último sábado pelo sr. Comandante Nuno de Brion.

O sr. Mário Rocha, na sua qualidade de presidente da Direcção do Lisboa Ginásio, agradeceu ao sr. dr. Ayala Bôto e proposta de condecoração do clube, por parte do Governo da Nação — notícia que os assistentes sublinharam com aplausos demorados.

Depois do sr. Mário Rocha concluir as suas considerações, falaram os srs. major Jorge Oom, presidente do Ginásio Clube Português, e Marinho Gonçalves, em nome do «Comité» Olímpico, que felicitaram a simpática colectividade em festa.

O nosso distinto camarada Raul de Oliveira, director do «Mundo Desportivo», num rápido improviso, salientou os benefícios da ginástica e teve também palavras de elogio para o clube, cujo progresso estava bem patenteado na forma como se apresenta de ano para ano.

Falaram depois os srs. tenente Eduardo Faria e dr. Ayala Bôto, — este para se referir entusiasticamente ao amadorismo do Lisboa Ginásio.

Após esta série de discursos, procedeu-se à distribuição de prémios aos vencedores das provas de esgrima, pugilismo, «volleyball» e «basketball», e que se seguiu um «Porto de Honra» oferecido aos convidados.

No domingo, efectuou-se um almoço de confraternização, na sede. Falaram sobre o vida do Lisboa Ginásio os nossos camaradas Raul de Oliveira e Rebelo da Silva, major Jorge Oom e Mário Rocha, — seu activo presidente da Direcção.

do Campeonato de Lisboa

(Continuação da página 2)

Final, as coisas passaram-se de maneira um pouco diferente. O Belenenses impôs-se com relativa facilidade, afirmando um bom momento de técnica. Para isso contribuiu poderosamente a solidez do seu bloco defensivo, mais uma vez afirmada. Isto, sem sombra de dúvida, dá muita confiança ao grupo, permitindo que o ataque tenha vida folgada.

A primeira parte acabou com o resultado de 1-0. Aos 8 minutos da segunda parte já o problema estava resolvido. 3-0 era um resultado inatacável.

Acentua-se, no entanto, a magnífica exibição realizada pelo grupo que marcha à cabeça do Campeonato de Lisboa. Elói e Feliciano foram os melhores. Mas a verdade é que todos forneceram rendimento regular, num conjunto harmonioso.

O caso do Estoril Praia não tem aspectos desagradáveis. O team fornece a medida das suas possibilidades, procurando jogar o máximo. Encontrando um adversário superior na sua frente, fragmentou-se um pouco. Só a defesa manteve sólida estrutura. Pereira e Elói jogaram hercicamente.

Venceu o grupo mais afortunado...

Na Tapadinha, o Atlético alinho com Correia, Baptista, Francisco Lopes, Galinho, José Lopes, Moraes, Micael, Armando, Gregório, Rogério e Marques.

A Cuf apresentou-se com Eduardo Santos, Armando, Arnaldo Reis, Cartinhal, Félix, Gastão, Vicente, Armando, Arnaldo, Trassos e Tanganho.

Árbitro: António Rodrigues dos Santos.

O jogo interessa pouco. O seu desfecho aparece como resultado lógico, mas a verdade é que, só uma vez ou outra, reflectia boas imagens de jogo. Não basta energia, ou apenas entusiasmo. São precisos outros requisitos. De resto, qualquer dos teams, mais vincadamente o Atlético, tem prestado provas convincentes. Mesmo assim, num jogo confuso e baralhado, o Atlético foi o melhor em campo, e daí a justiça do seu triunfo.

Deve ainda dizer-se que, apesar de tudo, se não lóra a boa forma que atravessa actualmente o guarda-redes Eduardo Santos, a Cuf ver-se-ia muito mais embaraçada do que o que se viu. Em todo o caso, o Atlético não conseguia o domínio absoluto. Pelo contrário, realizaram-se constantemente ataques de um lado e de outro, em regime de sensível igualdade, em certas fases da partida.

O Atlético, mais prático, aproveitou as oportunidades e am o outro deslize da Cuf, menos afortunada. Venceu bem.

Campeonatos regionais de futebol

A derrota do Boavista, no campeonato do Pôrto favoreceu o F. C. P. — Académica venceu o União de Coimbra, mas não anulou a vantagem adquirida por êste — Em Guimarães, o Vitória derrotou o Famalicão por 7-2 — Outros resultados

O F. C. do Pôrto, que desde o princípio do campeonato regional não conseguiu distanciar-se, viu-se livre do Boavista no domingo. A equipa de «xadrez» foi perder a Leça por 2-0, e claro que o F. C. do Pôrto não tropeçou (e isso seria coisa nunca vista!) tendo por adversário o Ramaldense.

Após esta jornada, o Salgueiros aproximou-se do Boavista, graças à sua vitória contra o Leixões. Um ponto de avanço sobre os «encarnados» do Norte não pode tranquilizar o clube de Bessa, que terá ainda de passar pelo campo de Santana, em Matosinhos...

Pelo que se observa, o torneio regional portuense complica-se. Se o F. C. do Pôrto tem força capaz para eliminar dificuldades, outro tanto já não poderá dizer-se quanto ao segundo lugar. Estará

mais uma vez certo o estafado título de que o campeonato portuense interessa apenas aos postos secundários? Resumo dos resultados: Pôrto-Ramaldense, 11-0; Leça-Boavista, 2-0 e Salgueiros-Leixões, 2-1.

— Em Coimbra, a Académica ganhou ao União por 3-0. Mas não chega o resultado para colocar os estudantes à cabeça do torneio regional.

Neste jogo contra os unionistas, ainda na vanguarda por força do resultado da primeira volta, os académicos principiaram em toada de ataque cerrado e produtivo. Um tento a 1 minuto de jogo abriu as hostilidades, e após a meia hora já o União perdia por 2-0. Então, na segunda parte...

Na segunda parte, a Académica não pôde contar com o concurso útil de Gastão. O avançado-centro

magooou-se e passou para extremo direito, trocando com Lemos. Ainda conseguiram o 3.º ponto, aos 38 minutos da segunda parte — e os unionistas tremeram.

Nos restantes jogos de Coimbra, tudo normal, a despeito dos resultados expressivos: 5-0 no encontro Anadia-Lusitânia, e 4-0 no desafio Naval-Sport Conimbricense.

— Por Braga, o Vitória de Guimarães assegurou o triunfo regional, depois de bater por 7-2 o F. C. de Famalicão. Não haverá mais nada de importante no campeonato minhoto, que apenas pode interessar nos lugares secundários. O Sport Clube Vianense ganhou ao Sporting de Fafe, recente vencedor dos bracarenenses, por 4-1. Bom resultado para os rapazes de Viana do Castelo. Sporting de Braga-Gil Vicente, 7-0 a favor do primeiro, dispensa comentários...

— Houve em S. João da Madeira uma surpresa: — a vitória dos visitantes, o Oliveirense. Por 1-0 — o suficiente. A equipa do S. C. de Espinho derrotou a Associação Ovarense por 3-0. A vitória do Beira Mar, de Aveiro, sobre o União de Lamas, poderá ter influência no último lugar.

— Os olhanenses, já se sabe — não estão ameaçados. A sua equipa conta tantos jogos — tantas vitórias. O «team» campeão do Algarve possui com certeza equipa forte, e isso iremos ver no próximo campeonato nacional...

— Outros campeonatos a merecer referência: o de Setúbal, com o Vitória destacado e vencedor certo. No domingo venceu com dificuldades ao Ginásio (5-4). O Amora empatou 3-3 com a Cuf do Barreiro e o Barreirense conseguiu ganhar ao Luso por 2-0.

Por Viseu — boa vitória do Académico: 11-0 contra o Bodiense, enquanto o Desportivo de Tondela empatou no seu campo com o Lisboa e Viseu por 4-4. O Sport Clube de Vila Real, com boa equipa, obteve mais 11-1, desta vez contra o Atlético.

HANDBALL

Comentários ao «Torneio Início» organizado pela Associação do Pôrto

As quatro jornadas do «Torneio Início» que a Associação Portuense faz disputar, neste momento, entre 5 dos melhores grupos praticantes da modalidade, têm revelado a má preparação dos concorrentes.

A época começou agora e o campeonato regional vem longe. Embora a actual prova seja de «experiência», com os naturais substituições de elementos durante os jogos, ao fim da 1.ª volta nada de bom se verifica, no que respeita ao apuramento técnico.

Dos concorrentes, só o Vigoroso demonstra categoria. Nos restantes, há sensível quebra de valor em relação às épocas anteriores.

O Académico, o Vilanovense e o F. C. do Pôrto têm apresentado os seus grupos inundados de novos elementos.

E, não se exigindo, para já, por se nos afigurar injusto, de tão heterogêneas «manas de retelho», fina coligação técnica, — do bom «handball» que os grupos norte-nhos (em especial o campeão) sabem pôr em prática — era de admitir algumas revelações.

Até hoje não surgiram. O «handball» portuense vive apegado aos gloriosos fellos de uma equipa excepcional que, actualmente, parece percorrer «todo» o caminho...

O grupo, esta época rejuvenesceu, debate-se em grave crise.

O seu chefe de secção, recentemente nomeado, não conta para já com a colaboração dos velhos eses — eles que ainda são indispensáveis.

Sentindo a crise que, pela repercussão da sua classe, não se circunscreve a um clube, mas à própria região, o F. C. do Pôrto acaba de lançar o grito aos seus atletas novos.

E' ele, finalmente, que o grupo tem de acorrer, escolhendo da nova geração a futura equipa de «handball».

O torneio de preparação desta época não tem agradado. Técnico e financeiramente.

A Associação, à qual se destina a totalidade da receita líquida, por gentileza dos clubes, escolheu os grupos que pudessem, pelo seu valor, interessar a bilheteira.

Não foi feliz, nesse ponto, por ausência da massa de apoio de alguns clubes concorrentes — «exclusivo», aliás, de duas ou três equipas. Por sua vez, o mau tempo tem prejudicado enormemente a organização.

Técnicamente, como acima dissemos, o torneio falhou. Mantém-se ainda o equilíbrio entre os dois favoritos (Pôrto e Vigoroso). Mais duas jornadas e temos o assunto arrumado — o Interesse perdido...

LUIS MARCOLINO

4-0, A alegria dos LEÕES!

Sporting atacou intensamente, sobretudo no primeiro tempo. Martins não se poupou a esforços, nem sempre coroados de êxito!



É raro Peyroteo ter um momento livre. Os adversários perseguem-o implacavelmente, como se justifica. Como poderia ele passar, desta vez, entre a barreira formada por Morelra e Telxetra?



Martins, numa atitude aerobática, executa uma defesa. O seu esforço marca. A bola saiu a roçar os postes...

Armando Ferrelra, entre Gaspar e Artur Telxetra, desenvolve uma jogada de bom estilo



Um guarda-redes deve estar sempre vigilante. Azevedo, apoiado às balizas, segue atentamente um ataque. Vem aí o perigo!



Por vezes, desenvolvem-se ataques em massa. Esta fotografia tem a particularidade interessante de se ver quatro avançados sportingistas interessados na jogada. Quatro ou cinco...



Um golpe perigoso junto às redes do Benfica, como todos em que, geralmente intervém Jesus Corrala, cuja marcha está a ser entravada por Chmaco



A boa combinação está na base do jogo da defesa. O entendimento entre Barrosa e Azevedo é perfeito no lance que apresentamos. Manuel Marques seria um recurso, nesta emergência!



Mais um segundo... e Azevedo seria batido. Mas a decisão é tudo. Brito já não consegue rematar, em virtude do guarda-redes sair a tempo. Marques e Arsenio estão em jogo. E v-los.



A vida desportiva por êsse Mundo fora

FUTEBOL

BOXE

A situação actual do desporto francês é de tal modo brilhante que a muitos parecerá estranha e excepcional. De facto, a França, desde 1939 até há pouco tempo, viveu tão difíceis circunstâncias e sofreu inclemências tão duras que mal fariam prever hoje uma ou outra proeza no campo das actividades atléticas.

Foi durante a ocupação germânica que o desporto progrediu, precisamente por ser uma das poucas coisas que não eram proibidas ou vigiadas pelo invasor. Assim, verificou-se, poucos meses seguidos a suspensão das hostilidades, que o futebol estava em grande «forma», arrancando no estádio de Colombes magnífica vitória sobre o «sonze» britânico, depois de alcançar um empate em Wembley, na própria Grã-Bretanha.

No atletismo, Hansenne, Pujazon e outras figuras irmanam-se com os melhores praticantes actuais, conseguindo tempos e distâncias de marcado rélevo.

Em natação, Jany, decerto o europeu mais veloz dentro de água, Nakache, Valleray, etc., estão aptos a ombrear com quaisquer competidores. E, no boxe, no ténis, etc. verifica-se a mesma pujança.

O ressurgimento magnífico e inesperado do desporto francês, numa época em que os países latinos acusam fortemente o embate dos fenómenos sociais, políticos e bélicos provocados por um conflito de seis anos, parece-nos ser a nota mais saliente da semana, agora que Marcel Cerdan se propõe disputar aos americanos e a Tony Zale o campeonato mundial dos «pesos-médios» com imensas probabilidades a seu favor. — R. B.

As receitas do Campeonato Carioca

A maior receita verificada no campeonato carioca de futebol rendeu 143.417,5 cruzeiros e a menor 1.497,5, correspondendo a primeira ao jogo Vasco da Gama-Botafogo e a segunda ao Madureira-Bom-Sucesso. As receitas adicionadas perfizeram uma quantia superior a um milhão e meio de cruzeiros (o cruzeiro equivale a um escudo e meio, moeda portuguesa.)

O «match» Itália-Suécia

DEVE realizar-se a 12 do corrente, embora se fale que foi antecipado, o match entre as equipas representativas da Itália e da Suécia.

Este encontro realiza-se em Zurique.

A Suécia esmaga a Noruega por 10-0

REALIZOU-SE a 26 do mês findo o primeiro desafio internacional entre os grupos representativos da Suécia e da Noruega. O encontro foi correctissimo, terminando com a vitória dos suecos por dez bolas a zero.

Atribui-se, com grande fundamento, a baixa de forma dos jogadores vencidos às privações sofridas pela ocupação militar alemã.

Futebol nocturno no México

INAUGUROU-SE há dias na cidade do México o campeonato nocturno de futebol. O primeiro jogo travou-se entre as equipas dos clubes Espanha e Puebla, vencendo facilmente este último por três bolas a uma, apesar dos prognósticos serem unânimes a favor do clube derrotado.

Os jogadores profissionais ingleses em greve?

OS jogadores profissionais das Ilhas Britânicas estão muito insatisfeitos com os salários que recebem. Assim, diz-se e rumoreja-se terem votado a greve, durante uma reunião magna que se realizou há dias em Manchester.

O sindicato dos jogadores, muitos dos quais são transferidos por milhares de libras e auferem vinte ou trinta por semana, apenas, solicitou dos clubes que compõem a Liga de Futebol um subsídio anual de cem mil libras em benefício dos seus retirados. O pedido foi negado, sendo possível que os futebolistas se recusem a jogar se as suas reclamações não forem atendidas.

Nas «Ligas», em Espanha, ocupa o 1.º posto o Sevilla

Realizou-se no passado domingo mais uma jornada do Campeonato das Ligas, em Espanha. O desafio mais importante, o Barcelona-Murcia, terminou empatado. O Barcelona perdeu. Tendo o Oviedo sido vencido pelo Madrid, passou o posto da cabeça a ser ocupado pelo Sevilla, a equipa agora treinada por Encinas.

Resultados da Primeira Liga: Gijón 4-Espanhol 1; Sevilla 4-Alcayano 2; Castellón 2-Aviación 1; Celta 1-Bilbao 2; Hercules 2-Valência 1; Barcelona 1-Murcia 1; Madrid 3-Oviedo 1.

Resultados da Segunda Liga: Real Sociedade 3-Córdoba 0; Xerez 4-Saragoça 4; Sabadell 2-Ferrol 3; Salamanca 2-Santander 1; Maiorca 3-Tarragona 0; Granada 0-Betis 1; Corunha 3-Ceuta 0.

No próximo domingo não se disputam jogos. É dia de repouso.

Assine a STADIUM

Uma vitória inesperada

NO Royal Albert Hall de Londres realizou-se no dia 30 um combate de boxe entre Danny Webb, do Canadá, e Al Phillips, de Londres. Havia grande expectativa devido ao número importante de vitórias conseguidas por Webb, mas o adversário pô-lo no chão ao primeiro sóco, um segundo depois do combate começar.

Webb foi ao solo oito vezes durante o assalto inicial e nunca se recompôs convenientemente. No segundo e quarto assaltos voltou à lona, mas, durante o terceiro, aplicou tal murro em Phillips que este caiu por seu turno. Durante o 6.º assalto Webb foi definitivamente derrotado por *knockout*.

Embora se julgue que a derrota de Webb fôsse devida a excesso de confiança, é opinião geral que Phillips deve ser hoje o melhor «meio-leve» da Grã-Bretanha.

Inácio Ara e Garcia Alvarez fazem «match» nulo e Sousa é vencido por Beltrán

EM Valência combateram Inácio Ara, campeão de Espanha dos «médios» e «meios-pesados», com Garcia Alvarez, titular da categoria «meios-médios».

O combate foi algo monótono e terminou por um empate, ainda que Ara tenha obtido vantagem pontual suficiente para ser proclamado vencedor. O título dos «médios» estava em jogo.

Na mesma reunião, Augusto de Sousa foi derrotado por Juanito Beltrán, que desceu o português à lona durante o terceiro assalto por 8 segundos.

Marcel Cerdan segue para a America do Norte

MARCEL CERDAN, o conhecido pugilista francês que derrotou num ápic o boxeador britânico Tommie Davies, resolveu partir com a maior brevidade para os Estados- Unidos a fim de lutar contra Tony Zale, campeão mundial dos «médios».

Esta atitude do melhor pugilista europeu da actualidade, decerto o novo Carpentier dos franceses e (porque não?) de todos os latinos, embora sem o esplendor da inconfundível personalidade daquelle antigo ás da esgrima dos punhos, é consequência da impressão causada junto dos técnicos americanos que o viram actuar no Norte de Africa, contra pugilistas militares dos Estados- Unidos.

RAFAEL BARRADAS

ATLETISMO

A 2.ª Olimpíada universitária paulista

EM fins de setembro realizou-se em S. Paulo (Brasil) a 2.ª Olimpíada universitária, com a participação de várias equipas do interior, tais como: Ribeirão Preto e Piracicaba. As principais provas do certame, a que concorreram cerca de 350 desportistas, foram o futebol, o «basketball», «volleyball», ténis, «water-polo», corridas, saltos e lançamentos, natação, etc.

NATAÇÃO

Manolo Martinez retira-se da actividade

O conhecido nadador castelhano Manolo Martinez, que muitos consideram o melhor campeão de quantos possuía o país vizinho, resolveu abandonar a lida activa do desporto.

Funcionário importante de um organismo oficial, restam-lhe poucos momentos para se entregar à prática assídua da natação e prefere dedicar-lhe como dirigente desportivo o melhor da sua actividade.

A grande porfia travou-se entre a Associação Académica Mackenzie, da cidade de São Paulo, e a Associação Académica Luis de Queirós, de Piracicaba. Entre outros concorrentes figuravam as associações académicas de Medicina, Estudos Económicos, Filosofia, Grémio Politécnico, etc.

Os resultados não foram, de um modo geral, superiores ao que se faz entre nós, salientando-se porém o salto em altura (1,85 metros, Jorge A. Belo), o disco (35,87 metros, Carlos Branco) e o dardo (49,02 metros, Luis Tanigaki).

Facto curioso: o jogo do xadrez também fez parte da competição olímpica inter-universitária.

Torneio feminino no Chile

DURANTE o torneio internacional feminino que se realizou há dias em Santiago foram batidos dois «records» sul-americanos. O primeiro coube a uma rapariga de 15 anos, Ana Gret Weller, que correu 100 metros em 11,9 segundos; o outro foi batido por Ursula Hole, lançando o dardo a 39,80 metros.

Como resultados femininos, são óptimos.

BALANÇO DA ÉPOCA DE 1945

III — As corridas de meio fundo e fundo

Comentários pelo Dr. SALAZAR CARREIRA



FRANCISCO BASTOS

O único corredor de classe em 1.500 metros

PARA maior lógica no comentário à actividade dos corredores portugueses nestas categorias, somos forçados a reúnir ambos no mesmo artigo, pois todos os participantes às provas de fundo se encontram também no lote dos que correm de meio-fundo longo. Embora teoricamente se considere o meio-fundo abrangendo as distâncias dos 1.500 aos 5.000 metros, praticamente o meio-fundo português engloba apenas os 1.000, 1.500 e 2.000 metros e os três e cinco quilómetros pertencem ao grupo das provas de fundo.

É sob este aspecto que vamos analisar a actividade da época, principiando pelos homens do meio-fundo curto, que é a categoria de distância em que estamos pior servidos.

Temos, de momento, um único corredor de classe em 1.500 metros, Francisco Bastos, mas esse mesmo não tem prestado provas à altura do seu valor. Os seus tempos melhores nos 1.000 e nos 1.500 metros não chegam aos 800 pontos finlandeses, os quais excede nas marcas «recordes» das outras distâncias a que concorreu: 400, 500, 800 e 2.000 metros.

Os resultados de Bastos durante a temporada foram de 4 m. 12,2 s., 4 m. 15 s. e 4 m. 12,5 s. nos 1.500 metros, deixando todas as esperanças daqueles que confiavam na sua classe para sabida do «record» que já lhe pertence desde 1938.

■ O mais curioso é que Bastos melhorou a sua marca nacional do quilómetro para 2 m. 37,7 s. e apossou-se da de 2.000 metros com 5 m. 47,6 s.; venceu nas aproximações e falhou no pleno.

O problema dos 1.500 metros é, para o grande corredor português, uma questão de andamento e de oportunidade preparada; das três vezes que correu a distância tinha títulos em mira e encontrou adversários que, por se saberem inferiores, não lhe deram combate. Em tais circunstâncias correu para ganhar, pelo seguro, sem arriscar a decisão sempre aventurosa de lutar pelo tempo.

Francisco Bastos pode e deve melhorar ainda todos os seus «recordes» dos 800 aos 1.500 metros. É bastante para tal uma condição física igual à deste ano e melhor preparação ou, antes, preparação melhor orientada no sentido de fortalecer e ritmar o andamento. Necessita também de estar a posição do tronco, que considero demasiado apromada; aumentará simultaneamente a amplitude da passada.

Dos restantes corredores da distância, foi João Silva — um homem caracteristicamente de fundo — quem conseguia melhor tempo: 4 m. 19,9 s. Isto diz tudo sobre o valor dos restantes, dos quais é Pires de Almeida aquele que mais vale, mas passou a época em busca da forma, que parece só ter encontrado quando não precisava dela (o quilómetro em 2 m. 41 s. em 23 de Setembro).

Registe-se, como possível indicação para futuras possibilidades, o tempo de 2 m. 40,6 s. de Vicente sobre a distância de 1.000 metros.

Na falange dos novos não encontramos quem mereça crédito a curto prazo; os júniores dos 1.000 metros não têm fundo para chegar aos 1.500 metros: nem Castelo Branco, nem Domingos Canhão, nem Humberto Bastos, sendo este o que mais se aproxima do possível; os júniores dos 3.000 metros são exclusivamente futuros corredores de fundo, com excepção do «internacional» Américo Pinto, que, figurando nas distâncias, poderá para o ano ser já um bom elemento nas desbaratadas hostes dos corredores de 1.500 metros.

O rei absoluto dos longos percursos foi João Silva, que se apossou dos «recordes» da milha, da meia hora e dos 10.000 metros, vencendo todas as suas corridas, com autoridade absoluta.

O sportingista Afonso Marques foi a sua sombra, mas nunca deca a impressão de o poder derrotar; falta-lhe velocidade final, tem maneira de correr demasiado pesada e a idade ainda é escassa para que haja atingido o óptimo dos seus recursos.

Suponho que ambos são capazes de alcançar bem melhores marcas em competição apertada; se tivessem adversários à ilharga nas corridas do Match Ibérico, creio firmemente que baqueariam os dois «recordes», o da légua e o das duas léguas.

Convenientemente preparados — e em tendo assim uma intervenção fiscalizadora e assistente ao seu regime de vida — incluírei os dois grandes camaradas (Silva e Marques são anha e carne) entre os mais legítimos representantes portugueses para os campeonatos da Europa: Matos Fernandes, Francisco Bastos, Sampaio Peixoto, João Silva e Afonso Marques.

A seguir aos dois citados corredores de fundo, existe um grande vácuo, aparecendo longe Oliveira Silva e Galvão. Depois mais nada, por enquanto.

O melhor estreado na temporada foi o «leão» Manuel Avelino, com 2.000 m. em 6 m. 14 s. e 3.000 metros em 9 m. 45 s., resultados prometedores, mas que não indicam ascensão imediata.



JOÃO SILVA

O rei absoluto dos longos percursos

O futebol em Espanha

AS primeiras jornadas dos campeonatos espanhóis de futebol foram assinaladas por numerosos actos de violência e indisciplina, que levaram a Comissão de Torneios da Federação a castigar nada menos de vinte e dois jogadores de primeira categoria com penas de suspensão e multa. Do comunicado relativo, que acaba de ser publicado, extraiamos os seguintes períodos:

«Vemos com verdadeiro desgosto a forma como decorreu o início das competições oficiais. A Comissão compreende perfeitamente que a paixão é factor de importância no nosso desporto; mas, precisamente por isso, se não deve esquecer que é, na realidade, uma luta desportiva e que os espectadores entusiastas podem e devem incitar a sua equipa favorita sem necessidade de comportamento escandaloso e grosseiro para com os jogadores visitantes.

Para o evitar está a Comissão resolvida a tomar medidas extremas, chegando, se tal for necessário, à interdição de campos, à irradiação dos clubes das competições oficiais, sem levar em conta a categoria nem a história, à anulação das licenças dos jogadores reincidentes em actos de violência e ao afastamento definitivo dos árbitros que não aplicam a energia desejável no exercício das suas funções.»

A ginástica em Portugal

RECOMEÇARAM em todos os clubes consagrados à prática da educação física as classes de ginástica destinadas aos filiados praticantes, cumprindo assim o que está preceituado nos artigos 35.º e 37.º do Decreto n.º 32.946, que regulamenta oficialmente as normas de prática dos desportos em Portugal.

Relembremos, para quem o não tenha bem presente ao espírito, o texto desses dois artigos. Diz o primeiro: «Os organismos que tenham como alguns dos seus fins promover a prática de desportos da classe A são obrigados a instituir, dentro do prazo de um ano (expirou em 3 de Agosto de 1944), salvo impossibilidade absoluta devidamente comprovada, cursos de ginástica dirigidos por pessoas habilitadas, sob pena de lhes ser vedado o exercício da sua actividade.» Explica depois em parágrafos quais são as pessoas autorizadas assumir a direcção dos cursos, e que só podem ser diplomadas.

O artigo 37.º declara obrigatória a frequência assídua do curso de ginástica para os indivíduos que pratiquem regularmente os desportos da classe A; sem essa frequência não é autorizada a prática desportiva e o professor do curso é responsável pela declaração de aproveitamento, indispensável para inscrição nas competições desportivas.



Os desportistas da provincia contam sempre com a nossa revista. Por isso, devem enviar-nos fotografias publicáveis, assim como notícias de interesse desportivo.



GRUPOS DE FUTEBOL E DESPORTISTAS PRATICANTES, INCLUIDOS NESTA PAGINA: 1—1.º grupo do S. C. Celoricense, de Celorico da Beira (Lemos, Bento, Campino, Rijo, Monteiro e Roque — de pé; Simão 1.º, Vaz, Simão 2.º, Simão 3.º e Ascensão — de joelhos. 2 — Sporting Clube de Alenquer (Lucho, Salvador, Guerra, Morais e Amaral — no primeiro plano; Pinho, Albino, Ceclito, Alberto, David e Armando — no segundo). 3 — Bernardo Heritny, defesa direito do Académico da Póvoa de Varzim. 4 — José Martins, de Tavira, praticante de várias modalidades. 5 — Gulmarães, médio-centro do Académico da Póvoa de Varzim. 6—1.º grupo do Arcozelo F. C. (V. N. de Gaia): Correia, Zeca, Paquete, Abilio, Luna, Costa, Manuel, Felipe, Moreira e António. 7—1.º grupo do F. C. de Viatodos, do concelho de Barcelos (Fernando, Fonseca, Augusto, Ferreira, Lopes, Nelva e Felipe, no 1.º plano; no 2.º — Joaquim Cardoso, Armando Pinheiro, Gomes e Ferreira 2.º). 8—1.º grupo do 28 de Maio Futebol Clube, de Viseu.

MODALIDADES POBRES AO ALCANCE DA PROVINCIA

Já se disse na «Stadium» que o «basket-ball» poderá jogar-se em pequenos recintos. Nos próprios campos de futebol, sem prejuizo para estes, e nos «rinks» de patinagem, não é difícil praticar o «basket». Mas, na provincia, lembem o atletismo, o «hand-ball», o «volley» e o ciclismo, por exemplo, podem progredir. Se os clubes e os seus associados o desejarem. Pela nossa parte, lembremos mais uma vez aos organismos da Provincia, não simplesmente dedicados à expansão do futebol, — que a vitória estará ao seu alcance no dia em que para tal quiserem trabalhar. Não lhes faltará a nossa propaganda.



JOGOS OLIMPICOS em 1948

FALA O DR. JOSE' PONTES, presidente do
Comitê Olimpico Português e membro do Comitê Internacional



O sr. dr. José Pontes é também um clínico notável. El-lo, no seu gabinete de trabalho, pronto a mitigar a dor humana

tomou o seu lugar, e com ele mantenho também as melhores relações. E' permanente a nossa correspondência.

Estão inscritos 61 países no Comitê Internacional. Reis, príncipes, grandes militares, são presidentes nos seus países. Mac Artur — o Regente de Itália, príncipe Humberto — idem. O Rei da Grécia, como o her-

deiro da Suécia e tantos outros, — fazem parte dos Comitês nacionais. Poderá dizer-se, portanto, que a missão do dr. José Pontes não é nada fácil. Honrosa — isso sim.

— Em que ano teremos os Jogos Olímpicos?
— Em 1948. Assunto resolvido. O Comitê reuniu-se em Londres, e assim determinou. Mas, antes da guerra concluir já eu sabia que seria assim, visto que o fim do conflito estava à vista...

— Portugal estará representado?
— Porque não? Em várias modalidades. Como preparação pre-olímpica, deveremos concorrer já a provas hípias. Talvez em Portugal se efectuem algumas, em 1946.

Agora — um assunto principal: — onde se realizam as provas? O olimpismo tem a sua tradição. Basta dizer que nasceu 776 anos antes de Cristo. O barão Piérre de Coubertin, que fundou o olimpismo moderno, simpatizou desde logo com a Grécia — Atenas principal baluarte — e com Lausana, sede do Comitê Internacional. Acabada esta guerra, poderiam ser consideradas estas cidades?

— A América indica quatro capitais, mas não «exige» que ali se efectuem os jogos. Diz apenas que val organizar encontros pan-americanos e que está preparada «para todos». A Inglaterra — propõe Londres. A Grécia — Atenas. A Suíça — Lausana.

— Qual a opinião do doutor?
— Reuniremos em Setembro de 1946. Há vários assuntos a tratar. Um deles: — a readmissão da Rússia. A Rússia é um país desportivo, olímpico. Fundador. Mas, após a sua revolução foi excluído. Agora, será estudado o seu caso. Quanto à indicação do país que acolherá os olímpicos de 1948 — nada lhe posso dizer. Dos que acima lhe indiquei, será um deles.

RODRIGUES TELES

CONVERSAR com o dr. José Pontes — é rever uma boa série de casos e de coisas intimamente ligadas ao olimpismo. E que bem se conversa com o dr. José Pontes! Isto aconteceu-nos pela primeira vez. Claro que não podíamos ignorar que o dr. José Pontes, jornalista distinto, médico ilustre, desportista dos mais sabedores — já pelo seu trato afável, já pela sua vasta cultura, nos receberia de braços abertos.

E tratando-se da «Stadium»... Tratando-se de comunicar com os jornais, a que está ligado profissionalmente, o dr. José Pontes nunca se recusa a falar. E fala de cátedra.

Não é necessária a sua apresentação. Pelo menos rigorosamente. O dr. José Pontes, ligado a quasi todas as Federações e modalidades desportivas, tem exercido vários lugares públicos. Foi senador da República de 1922 a 1925 e de 1925 a 1926. Recebeu várias condecorações nacionais e estrangeiras.

«O que desejávamos saber?» — foi a sua pergunta. O dr. José Pontes, que substituiu no Comitê Internacional Olímpico o falecido Conde de Penha Garcia; que preside ao Comitê Olimpico Português, — conhece bem esta «corrida» de querer saber mais isto e mais aquilo, no propósito de colocar os leitores em contacto com a novidade ou com a opinião de pessoas responsáveis...

Por isso, não foi difícil entrar nos assuntos: — Como funcionou o Comitê Internacional Olímpico durante a guerra; se teríamos os jogos olímpicos em 1948; e qual o país escolhido para a sua realização. Três perguntas que levaram muito tempo a ser respondidas, visto que o dr. José Pontes, minucioso, pondo em todas as respostas o máximo cuidado, não quis falar sem recorrer aos seus elementos oficiais. Como admirável dirigente.

A primeira interrogação, o dr. José Pontes esclareceu que o Comitê Olimpico Português, durante a guerra, esteve sempre em contacto com o Comitê Internacional, por intermédio de relatórios. Mais: — por causa de uma série de contrariedades, — Portugal fazia chegar até o conhecimento de várias nações, notícias officiosas, informes sobre este ou aquêle trabalho, sobre a vida de um ou de outro dirigente.

Muitas mortes se verificaram durante a guerra. Em campanha — uns; fora da sua influência — outros. Como se sabe, no Comitê Olimpico Internacional há testas coroadas. Formam uma elite, autêntica selecção. Os dirigentes do Comitê são eleitos por «toda a vida». Só por morte ou por demissão voluntária podem abandonar o posto, para que são escolhidos por proposta dos componentes do Comitê. O dr. José Pontes, por morte do Conde de Penha Garcia, foi nomeado por Conselho Geral do Comitê; não é representante, no Comitê, do nosso país, como já se tem escrito e afirmado.

Palavras suas:
— Durante a guerra, mandou o Comitê Olimpico, sempre que pôde, alguns géneros, pequenas coisas, para os vários elementos dos organismos olímpicos. Para um lado e para o outro. No olimpismo não havia que distinguir. Para honra do nosso país, centralizaram-se na minha mão, como dirigente, vários encargos. Desempenhei-os sempre com orgulho desportivo.

— Desapareceram algumas figuras olímpicas?
— Algumas. Entre elas, o conde Baillet-Latour, presidente. O vice-presidente, J. Sigfrid Edström, sueco distintíssimo, ilustre homem da Casa Militar do rei,



Rodrigues Teles e o sr. dr. José Pontes conversam animadamente. O jornalista fica conhecendo o movimento do «olimpismo»

Stadium

na capital do Norte

BASKETBALL

O Vasco da Gama em grande forma

... Sôbre o Campeonato Regional

DEPOIS do futebol, é o *basket* um dos desportos que goza da maior simpatia do público portuense. De época para época, essa simpatia—reflexo de popularidade—tem crescido de maneira notável, e promete atingir, na temporada agora a iniciar-se, bitola invulgar e digna de merecimento. Sintetizando: o *basket* portuense está em franco progresso!

Procuradas as causas provocadoras de tal situação, apparece-nos desde logo e em evidência absoluta o nome de um clube e de um homem: Vasco da Gama e Alves Teixeira. Nêles assenta, com efeito, e à maneira de alicerce, toda a obra grandiosa de que a modalidade dispõe no nosso meio.

Com o *basket* succedeu o mesmo que tem succedido com outras modalidades, quando se deixa para lugar secundário a preparação dos jovens e se esquece lamentavelmente que a renovação da «população praticante» é indispensável ao progresso do desporto. Viu-se, como exemplo, o «caso» do atletismo portuense, só salvo no momento em que o

F. C. do Pôrto tomou a iniciativa de criar uma «escola» de jovens, e logo esta secundada por uma outra do Académico F. C.. Até então, o atletismo portuense caminhava para o desaparecimento total!

Pois no *basket* viveu-se em ambiente identico, e só despontou a mutação quando o Vasco da Gama pensou em «criar» uma *escola* de jogadores—para seu uso próprio e até para o alheio...

A par, porém, dessa louvável iniciativa do Vasco, os restantes clubes preferiram manter-se na posição cômoda em que se encontravam, e ainda alheios à qualidade técnica, de baixa classificação, que os jogos iam proporcionando de dia para dia. E logicamente, com naturalidade absoluta (por que só um trabalhava enquanto todos os outros «dormiam»), apparece a indiscutível supremacia do Vasco da Gama, cujo «reinado» há-de ficar na história da modalidade.

Só tarde o exemplo frutificou... Os dirigentes dos clubes «abriram» os olhos de espanto e de admiração perante a beleza da

obra que se estendera à sua frente, sem que dela e do seu largo objectivo se tivessem apercebido. E procuraram igualá-la. Primeiro—à maneira do corredor que se deixou atrasar e procura recuperar despistando-se para encurtar terreno...—pela conquista do trabalho alheio, cômodo processo de conseguir glórias, depois—como agora está a acontecer, felizmente,—pela imitação de um salutar exemplo, que não precisa de réclamos...

Assim se chegou à situação actual!

O Vasco da Gama ganhou com incontestável merecimento os torneios particulares realizados antes do campeonato regional.

A sua equipa deixou-nos a melhor impressão, embora nunca tivesse alinhado completa—o que prova trabalho dentro do clube na preparação de novos jogadores. Na verdade, os vascainos dispõem de um admirável *loté* de elementos, bem capazes de os levar, mais uma vez, à conquista do titulo de todas as categorias.

O F. C. do Pôrto está ainda a sofrer as consequências da pouca atenção prestada às categorias inferiores. Claro está, que um ou outro *remedio*, por mais categorizado, não basta para solucionar o problema de uma equipa, onde o conjunto de valores, como no *basket*, é essencial. Sabemos porém que dentro da gloriosa colectividade se arripou caminho, e que o exemplo da secção de atletismo do mesmo clube vai ser seguido. Para tal, já entrou em acção, na qualidade de treinador de jovens, o conhecido jogador António Rodrigues. Mas o seu trabalho só produzirá dentro de algumas épocas. No presente, há que lutar com o que existe, que apesar de tudo não é tão mau como parece... Conseguido o conjunto e a precisão, os «azuis-brancos» ainda podem aspirar a largos cometimentos.

O Académico, por sua vez, dispõe agora de uma nova equipa, também capacíssima de magníficos triunfos. Dois elementos já conhecidos e de real valor—Perdigão e dr. Fernando Sousa—com três jovens da «Mocidade Portuguesa», onde se revelaram e onde o clube do Lima os foi buscar—Folgado, Figueira e Leal—devem formar um conjunto de valor, com que é necessário contar.

Temos ainda o Guifões em marcha progressiva, e o Fluvial e Portuense de Desporto em busca do caminho que guindou os consagrados.

Na análise final verifica-se, pois, que o *basket* portuense tem progredido e que possui toda a tendência para um melhor nivelamento de valores. Por estes factos insofismáveis se espera que o campeonato regional atinja um brilhantismo invulgar e único na história da modalidade.

EDUARDO SOARES

UM DIRIGENTE portuense



LUÍS RETUMBA é o actual tesoureiro do F. C. do Pôrto. Subiu de atleta a dirigente, e isso equivale a dizer que se «formou» como desportista. Na verdade, Luís Retumba merece bem esta designação. Treto-se de um desportista do mais fino quilate.

Ainda se não esqueceu, por certo, a sua acção enérgica no último Pôrto-Sporting do Estádio do Lima. Quando foi preciso «dominar» um ambiente carregado, Luís Retumba presiou-se ao sacrificio.

Dentro do seu clube, Luís Retumba tem desenvolvido uma acção notável. Os associados da popular colectividade portuense têm reconhecido no seu tesoureiro as admiráveis qualidades que possui, e por isso lhe tributaram, no último assembleia geral, demorado manifestação de simpatia.

Como atleta, Luís Retumba prestou assinalados serviços a duas colectividades: F. C. do Pôrto, que agora dirige, e o Sport Clube do Pôrto, outra colectividade prestigiosa.

Nesta última, Luís Retumba conquistou campeonatos de atletismo. Nacionais e regionais. Fêz parte de uma equipa valorosa,—foi companheiro de António Sarsfield, António Júlio Dias, Arnaldo Sousa, Adolfo Brito, Manuel de Oliveira—tudo campeões. Jogou «handball» no primeiro grupo. Foi cavaleiro hípico. Jogou ténis. E ainda representa o Sport como esgrimista distinto que é. Praticou ainda o automobilismo e o remo.

Pelo F. C. do Pôrto jogou futebol. Efectuou muitos desafios na equipa de honra, como guarda-rédes, e não se fixou nesta categoria porque ali jogava então um homem que se chama Miguel Sisk.

Luís Retumba, hoje dirigente activo e desempeirado, consagra-se quasi inteiramente ao seu clube. E tão bem o serviu e serve, que a sua massa associativa resolveu elegê-lo de novo—prova da justa consideração que lhe íta mereçe.

Esta secção do Stadium também não podia ficar indiferente. O simpático desportista, pelo seu porte disciplinado e correcto, pelo seu esforço dedicado e insistente, é digno de sua homenagem. E lá se fica.

MOSAICOS NORTENHOS...

FERNANDO CASTRO, excellentemente jogador de «volleyball», no F. C. do Pôrto até há pouco, abandonou o popular clube para ingressar no S. Roque da Lama. Vai fazer falta no organismo azul branco, visto tratar-se de um desportista dedicado e condecorador.

Julga-se, até, que o F. C. do Pôrto poderá desinteressar-se. Prejuizo grande, com certeza. O F. C. do Pôrto é necessário em todas as competições. O seu prestigio conquistou muito público. Entretanto,—que Fernando Castro seja feliz.

♦ **ESTRÉLA E VIGOROSA**, o clube de João Montalvão, de Xavier e de tantos atletas de boa categoria,—vai ter com certeza boa época. Isto foi denunciado no ano findo, pela sua admirável equipa de «handball». Este ano, tem obtido bons resultados. E continuará, certamente. Esta

carreira merece-nos o melhor aplauso, e oxalá possa servir de estímulo para os clubes praticantes da popular modalidade que é o «handball».

♦ O **RAMALDENSE** é um clube em progresso. Pertenceu durante muitos anos à 2.^a Divisão, bateu-se sempre briosamente no futebol e ganhou campeonatos de «hockey» em campo. Admirável exemplo de persistência.

Agora, na 1.^a Divisão, ganhou ao Salgueiros,—que já pertencea à 1.^a Divisão Nacional. Sem esquecer o valor demonstrado pelo popular clube dos encarnados, (popular e senhor de um prestigio conquistado à custa de muito sacrificio), parece oportuno endereçar-lhe cumprimentos. O Pôrto precisa de clubes valorosos. Oxalá o Ramaldense seja um dêles. E por certo há-de ser.

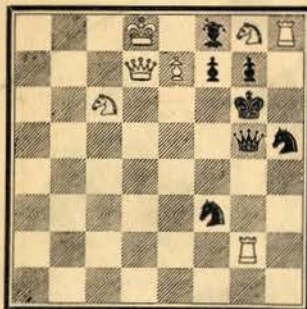
Concursos de Problemas de XADREZ

Publicamos hoje o primeiro problema da série de inéditos propostos no nosso Concurso Internacional de Composição, cuja adjudicação será entregue ao conceituado mestre espanhol, D. Francisco Novajarque, como dissemos no número anterior.

Seguindo as normas habituais neste género de competições, guardaremos sigilo quanto às identidades dos autores, as quais só serão reveladas na altura do veredicto do juiz da prova.

O prazo para a entrega de soluções é de três semanas para os concorrentes de Portugal, e de um mês para os das Ilhas Adjacentes e de Espanha.

PROBLEMA IV (Mondego)



Mate em 2 lances

Stadium NA PROVINCIA

A vila de SINTRA

Como o desporto pode servir a terra

QUEM não iria a Sintra se, além das suas belezas naturais, fôsse oferecido, ao excursionista amigo do desporto, uma boa prova de natação, de atletismo ou de ciclismo, um excelente jogo de futebol, de «basket» ou de «hockey»? Todo o mundo, com certeza...

A vila de Sintra é sede de dois bons agrupamentos desportivos: o Sport União Sintrense, com mais de 20 anos de bom trabalho, e o Hockey Clube de Sintra, que saiu do labor desenvolvido pelo primeiro. Possui um bom campo de jogos e um bom «rink» de patinagem. Mas, — falta muita coisa na linda e histórica vila: uma piscina, por exemplo. Boas equipas de «basketball», de «handball» e de ciclismo também.

Com tudo isso, a vila de Sintra poderia transformar-se num adorável centro turístico. Tem todas as condições para isso. Ainda há dias, no decurso de uma festa comemorativa do aniversário do Sport União Sintrense, se afirmou que as colectividades desportivas servem admiravelmente a propagação da sua terra. Sintra, então,

com uma ou duas colectividades, pode impor-se aos olhos de todo o país. Nada lhe falta para isso.

Claro que, desportivamente, a despeito do esforço das suas agremiações e dos respectivos associados, apenas nos pôde aparecer em competições de pouca monta. O Hockey Clube de Sintra possui boa equipa; o União Sintrense excelentes possibilidades, como clube desportivo. Julgamos falar-lhes instalações próprias para a prática de modalidades que ficariam bem a Sintra praticar: a natação, o ciclismo...

E porque não há-de ser assim? Com alguma boa vontade, por parte de quem de direito, Sintra poderia impor-se como centro desportivo de primeiro plano.

A dois passos de Lisboa, ninguém se recusaria a visitá-la, tanto mais que se poderia assistir, então, a provas desportivas de boa categoria.

FLECHA

é a melhor bicicleta

tempo por intermédio de Vitor e o Atlético fez o empate a oito minutos do final do encontro por intermédio de Escórcio, na marcação de uma grande penalidade.

Jogaram, a seguir, Sport Lisboa-Cadila. Este encontro termina com a vitória dos encarnados por 4-1.

Os azuis foram os primeiros a marcar, por intermédio de Gilberto, seu ponta direita, num remate a um canto, que Monteiro não pôde defender. Os encarnados não se ressentiram com este tento e, logo a seguir, a um centro de Peão, Patalin obteve o primeiro tento; a alguns minutos do final do primeiro tempo, Godinho obteve o segundo tento, com o qual terminou a primeira parte do jogo.

Na segunda parte os azuis exerceram algum domínio e Monteiro fez algumas defesas seguidas. Mas os dianteiros encarnados levam novamente jogadas perigosas às rédes de Simão e Renato obteve terceiro tento. A seguir, Barros tiroa milagrosamente uma bola que se preparava para entrar nas rédes, já com Simão; e quasi no final da partida, Peão, dos encarnados, fixou o resultado em 4-1.

FERREIRA ALVES

Notas e novidades

PÓVOA DE VARZIM—A contar para a disputa da «Taça Poivreira» realizou-se mais um desafio de futebol, desta vez entre o Varzim S. C. e o Desportivo da Póvoa.

O desafio, apesar da chuva, decorreu animadíssimo, vindo o Varzim a ganhar, aliás mercadamente, por 2-1.

Ao intervalo, 2-0. Os grupos alinharam: Varzim S. C. — Bichinho; Juca e Pinheiro (cap.); Jacob, Alexandre e Flores; Maio, Rafael, Pereira, Chico e Madaleno. Desportivo — Tomás; Domingos e J. Nova (cap.); Chico Troina, Bento e Heitor; Orlando, Graça, Lomba, Salgado e Casanova.

Marcaram os «goals»: Pereira, pelo Varzim S. C.; Casanova, pelo Desportivo.

A tabela dos concorrentes à «Taça», com mais três jogos, ficou assim:—Varzim, 3 jogos, 9 pontos; Desportivo, 3 j., 7 p.; Académico, 3 j., 5 p.; C. F. Beiriz, 3 j., 3 p.

SETÚBAL—As impressões colhidas no decorrer da 1.ª Volta do campeonato regional foram as seguintes:

Vitória—Deve sair vencedor da contenda, embora se note a nítida má forma de alguns dos seus jogadores.

C. U. F.—Caminha muito bem, podendo até dizer-se que as suas exhibições têm sido impecáveis, pois que está apetrechado com elementos novos de bom valor. A classificação obtida é justa.

Barreirense—Atravessa um momento de crise e, dadas estas circunstâncias, pouco se poderia esperar dele: no entanto, tem rapazes novos e habilidosos que poderão vir a ser bons elementos. Por agora, não satisfazem.

Luso—Ao contrário do Barreirense, pode afirmar-se que está em pleno auge da sua carreira de futebol. Tem elementos valiosos e bons chutadores. Ainda se poderá classificar muito melhor, se a sorte o bafejar.

Ginásio Clube do Sul—Um novo concorrente do campeonato que revela pouco conjunto. Por ser o primeiro ano em que colabora, tem tudo alguns deslizes, por falta de experiência.

Onze Unidos—Menos bem do que no ano anterior. Alguns elementos encontraram-se abaixo da forma que anteriormente possuíam.

Seixal—Os resultados obtidos não estão compatíveis com as suas exhibições. Merecia melhor classificação. Tem elementos novos, alguns dos juniores, que revelam qualidades, possuindo conjunto aperfeiçoado.

Amora—Como o Barreirense, deve estar em crise. No entanto, esperamos que na volta seguinte melhore um pouco mais a sua classificação. — (J. D. M.)

Stadium nas Colónias

Campeonato de futebol de HUAMBO

EM continuação da 2.ª volta do campeonato, realizaram-se no dia 9 de Setembro, no campo de jogos Engenheiro Marques Trindade, os encontros na categoria de «honra» do Sport Lisboa e Bela Vista-Desportivo da Caála, e Ferrovia Sports Clube-Sport Lisboa e Haambo.

O encontro entre os encarnados belavistenses e azuis da Caála foi jogado com pouco entusiasmo, pouca técnica e indecisão nos remates de parte a parte. Ambos os grupos clararam algumas situações de perigo, mas os dianteiros não as souberam aproveitar. Os primeiros a marcar foram os encarnados, por Olímpio. No segundo tempo os azuis empataram, terminando o encontro com o resultado de 1-1.

O segundo desafio, entre Sport Lisboa-Ferrovia, foi desenvol-

vido numa toada rápida. No primeiro tempo os encarnados dominaram o adversário e obtiveram o primeiro tento da partida; no segundo tempo, os Ferroviários reagiram e o jogo passou para o campo contrário. A cinco minutos do final da partida, o Ferrovia conseguiu o empate, por Jaime, fixando o resultado em 1-1.

No dia 16 de Setembro, jogaram: Sporting da V. Nova-Ferrovia Sport Clube—Em V. Nova; e no campo «Engenheiro Marques Trindade»: Sporting Clube do Haambo-Atlético Clube de N. Lisboa, e Sport Lisboa e Haambo-Desportivo da Caála.

O primeiro encontro realizado nesta cidade entre o Sporting-Atlético terminou com o empate de 1-1, resultado que não trazia bem o decorrer do jogo. O Sporting marcou no primeiro

BELENENSES INVENCIVEL-ATLETICO em 2.º



Futebol no PORTO



1—Valongo é batido, sem apêlo nem agravo!

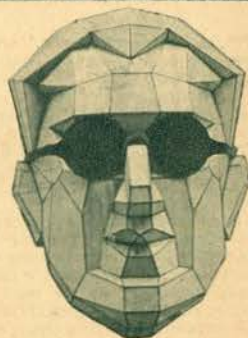
2—Serafim desempenha-se com êxito da sua missão de guarda ao extremo-direito adversário. Depois de cortar o passe, vai driblar o adversário e passar em seguida.

3—Um ataque fulgurante do Atlético a Eduardo Santos. A bola não passará.

4—Armindo, defesa-direito da Cuf, auxilia a tarefa de Eduardo Santos, mesmo por que Rogério ainda não desistiu do goal...

5—Eduardo Santos entrou em acção constantemente. Há no seu estilo, em jogadas por alto, a harmonia característica dos bons jogadores.

6—O avançado-centro do Leixões rematou, e Peixoto defende com dificuldade não isenta de segurança.



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparatos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 22829 LISBOA